

DAR ZOOM ENTRE AS LINHAS PARA CONSTRUIR OUTRAS CARTOGRAFIAS DE FLUXOS MIGRATÓRIOS

Natalia Benatti Zardo de Curci
Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
nataliabenattiz@gmail.com

INTRODUÇÃO

A migração é, essencialmente, um fenômeno social referente ao deslocamento humano pelo espaço geográfico. Para além do espaço físico, o processo migratório acontece em um espaço de múltiplos sentidos. Por isso, ele é percebido pelos teóricos como um processo complexo e desafiador. Por ser um “fato social completo”, como argumenta Sayad (1998, p.15), os itinerários migratórios ocorrem no cruzamento de diversas ciências, como história, geografia, economia, direito, psicologia, antropologia etc.

Datada após os anos de 1970, as migrações internacionais contemporâneas, são marcadas, principalmente, pelas influências da globalização. Em razão dos avanços dos meios de comunicação e de transporte há uma ideia generalizada de que cada vez mais as pessoas estão interligadas por redes, caracterizando, portanto, um “mundo menor”. Embora efeitos semelhantes ocorriam já em outras épocas, a facilidade de conexão entre diferentes populações do mundo, assim como outros processos intrínsecos à globalização, são o que distinguem a migração atual dos períodos históricos anteriores.

As consequências da globalização proporcionam outras maneiras de organizações espaciais e de relação sociais. Nesse sentido, os fluxos do período contemporâneo se configuram de forma mais complexa do que se pensava anteriormente e não correspondem somente a uma lógica binária de atração e repulsão econômica. Os fatores que impulsionam as migrações são múltiplos, a exemplo dos conflitos étnico-religiosos, guerras, terrorismo, catástrofes ambientais, crises econômicas, redes sociais, entre outros motivos particulares. Podemos dizer que eles são, hoje, resultados de uma rede de relações locais e globais.

Seguindo a tendência global, o fluxo migratório com destino ao Brasil tem aumentado nos últimos anos. Entre os anos de 2005 e 2015 o número de imigrantes cresceu em 160%¹. Por consequência, o número de crianças e adolescentes estrangeiras também tem subido no país.

Dessa forma, os efeitos dos números já se refletem nas escolas de todo país. No censo escolar de 2015 o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), do Ministério da Educação, contabilizou que, neste ano, 70.200 alunos de outras nacionalidades se matricularam em escolas de educação básica em todo o território nacional². Só no município de Florianópolis/SC, (local onde as atividades apresentadas a seguir aconteceram), foram contabilizadas 908 matrículas de estudantes estrangeiros³ no ano de 2016, vindos de mais de 59 nacionalidades.

No encontro entre os efeitos da globalização e do crescente número de imigrantes, nos deparamos com um certo paradoxo. Ao mesmo tempo que a globalização impulsiona uma maior aproximação entre as diferentes populações globais, há também uma tendência

¹ Dados da Polícia Federal divulgados pelo portal de notícias G1. Cf. VELASCO e MANTOVANI, 2016.

² Dados apresentados pelo veículo de comunicação Ondda. Cf. ALVERENGA, 2017.

³ Dados do Educacenso 2016, cedidos pela Gerência de Avaliação da Educação Básica e Estatísticas Educacionais, da Secretaria de Estado da Educação.

em repulsarmos aqueles que desconhecemos ou que “não desejamos”. Nesse sentido, apesar dos territórios escolares estarem se preenchendo cada vez mais por crianças e adolescentes provenientes de diferentes partes do país e do mundo, falta ainda discussão e formação para a comunidade de acolhimento, que vise a integração e as demandas dos recém-chegados.

Ao notarmos este fenômeno contemporâneo se fazendo presente no nosso país, nas nossas cidades, nas nossas escolas, de certa forma, é um disparador para pensarmos e discutirmos ainda mais sobre o assunto. Embora as migrações já sejam um tema naturalmente abordado pela geografia escolar, ao longo de diferentes conteúdos e anos escolares, é pertinente mantermos as discussões atualizadas e, sobretudo, relacionadas aos espaços de vivências dos estudantes. Dito isso, de que forma podemos movimentar um conteúdo escolar a fim de relacioná-lo com as experiências de vida dos próprios sujeitos referentes ao tema abordado?

Ao buscar uma aproximação dos efeitos atuais das migrações internacionais no ambiente escolar, aliado ao contexto do ensino de Geografia, realizei durante minha passagem pela disciplina de Estágio Curricular Supervisionado em Geografia III⁴, uma oficina educativa com a temática das Migrações Contemporâneas, em uma turma na qual havia imigrantes inseridos. O estágio aconteceu na escola Instituto Estadual de Educação (IEE), em Florianópolis/SC, com uma turma do 2º ano do Ensino Médio.

O conjunto de atividades realizadas nesta turma foi intitulado de “Cartografando deslocamentos”. No presente texto será apresentado e discutido apenas algumas das propostas de atividade realizadas: Conversa sobre as migrações contemporâneas a partir de imagens e a construção de outras cartografias de deslocamentos.

Tendo em vista o padrão mais usual das representações cartográficas de fluxos migratórios, restrito a linhas, números e flechas, o objetivo das atividades era que os participantes pudessem se aproximar de algumas imagens e produzir suas próprias cartografias, de modo que as suas vivências e percepções também ocupassem um espaço cartográfico. Sendo assim, os participantes puderam expressar suas relações pessoais diante do tema central, conhecendo também as trajetórias de vida dos colegas.

Migrações, mapas e sujeitos

A oficina iniciou com a pergunta: “*O que é cartografia?*”⁵. Houve um silêncio generalizado. Tentei mais uma vez, “*O que é um mapa?*”, então, começaram a surgir algumas respostas como: “*é uma representação*”, “*uma ferramenta*”. Daí em diante, expliquei que iríamos discutir sobre o fenômeno dos deslocamentos migratórios, suas cartografias e de que forma estas imagens podem contribuir para a visualização e compreensão do fenômeno.

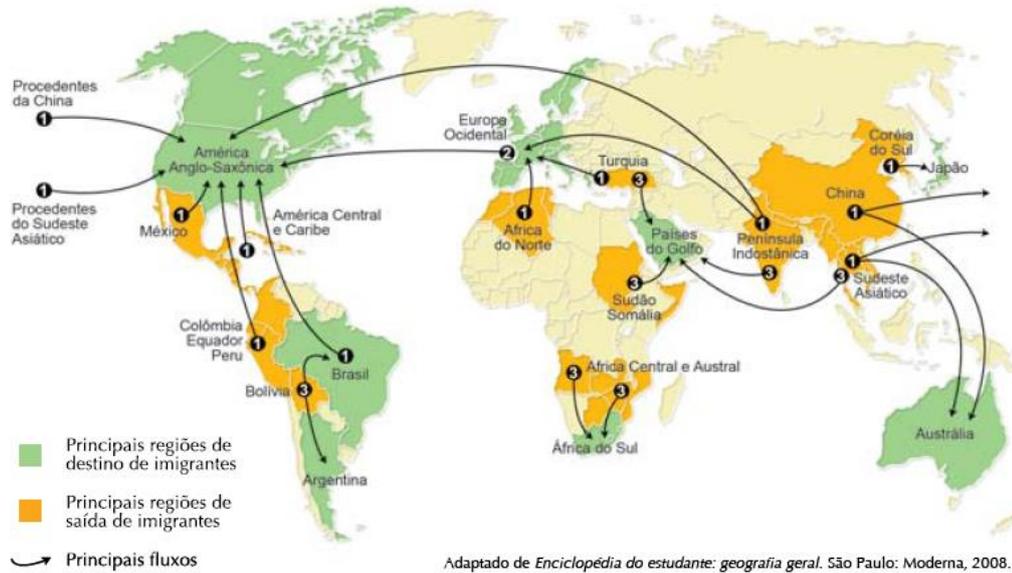
Para entrar nas discussões sobre o tema, comecei expondo mapas, que ao meu ver, são considerados mais comuns de se representar os fluxos migratórios, aqueles que com frequência aparecem nos livros didáticos (ver Figuras 1 e 2). A partir deles, falamos sobre fluxos, locais de origem e de destino, fronteiras, disputas entre estado-nação, tipos de imigrantes relacionados a suas causas, assim como as funções das legendas, títulos e projeções.

⁴ Disciplina oferecida no semestre de 2017.1 para a 7ª fase do curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina.

⁵ As perguntas, comentários e respostas dos participantes da oficina foram registradas no caderno de campo e serão apresentadas no texto entre aspas e itálico.

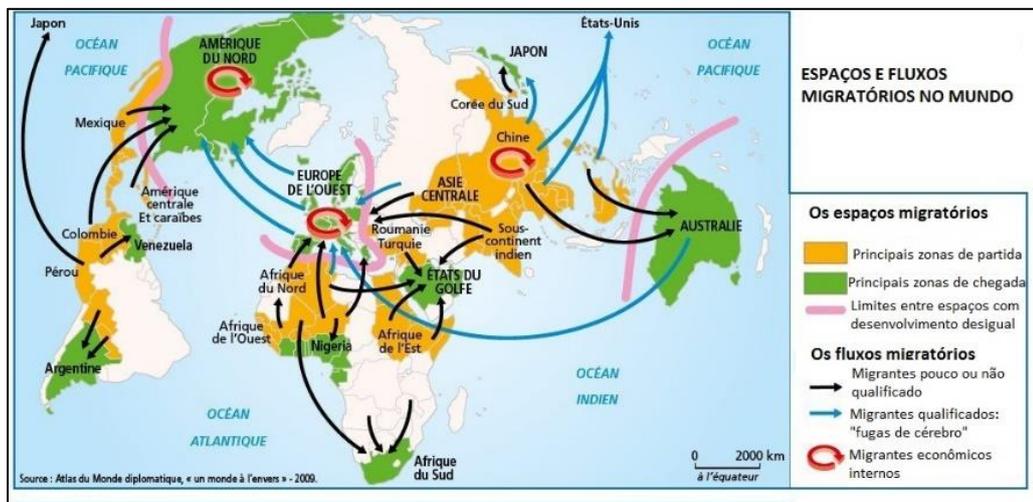
Figura 1

Principais fluxos migratórios no final do século XX e início do século XXI



Fonte: <http://professorbrunobarros.blogspot.com.br/2011/05/os-fluxos-migratorios-e-seus-efeitos-na.html>. Acesso em: 01 maio 2017.

Figura 2 - Mapa dos principais fluxos migratórios no mundo.



Fonte: Adaptado pela autora. Figura original disponível em: <http://a141.idata.over-blog.com/4/95/89/87/mobilites-humaines/Carre-Flux-migratoires.jpg>. Acesso em: 01 maio 2017.

De frente com esses dois exemplos de mapas, produzidos em anos próximos, indiquei que observassem as diferenças de informação. Por exemplo, em um o território brasileiro nem aparecia na rota das principais migrações (Figura 2) enquanto no outro o Brasil aparece como país de destino de imigrantes (Figura 1). A partir deles discutimos sobre o poder dos mapas em nos induzir a criar uma imagem acerca de algo, uma vez que podemos criar diferentes percepções sobre um mesmo dado espacializado, conforme os interesses dos cartógrafos.

Ao conversarmos sobre os diferentes sujeitos que migram, embora soubesse anteriormente que havia imigrantes sírios na turma, perguntei se conheciam algum

imigrante internacional. Nisso, alguns apontaram para os colegas sírios. Como estava receosa quanto a abordagem do tema em um ambiente onde haveria os sujeitos em questão presentes, esperei um momento natural da discussão para destacá-los. Após terem sido mencionados pelos colegas, pedi se eles podiam mostrar no mapa onde ficava o seu país. Sorridente um deles levantou. Perguntei também para a turma se conseguiam ver impactos dos imigrantes na cidade, afirmaram que sim, principalmente no centro por conta do comércio.

Em seguida, trouxe fluxogramas que apresentam as principais migrações ocorridas entre 2005 e 2010 a partir de linhas e números (Figura 3). Neles conseguimos enxergar mais informações quantitativas que não apareciam tanto nos mapas anteriores, sendo, portanto, outras imagens sobre o mesmo fenômeno. Pudemos a partir desses fluxogramas visualizar uma certa rede de conexões, uma globalização das migrações.

Figura 3 – Fluxograma das migrações internacionais entre 2005 a 2010

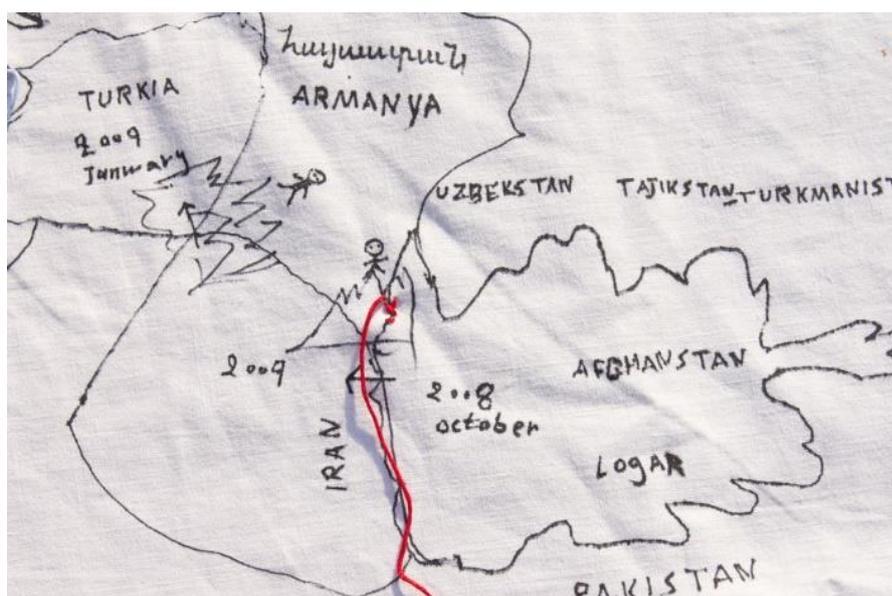


Fonte: www.global-migration.info

Por último, trouxe mais duas imagens de mapas de deslocamento, um feito em um pano branco (Figura 4) e outro uma escultura sobre uma pintura (Figura 5). Nota-se que esses se aproximam de mapas com características mais afetivas, no sentido, de que os autores buscaram indicar nas suas trajetórias as suas emoções, sensações, percepções, lembranças.

A primeira reação da turma diante da Figura 4 foi de risada. Antes de explicar a história do mapa pedi para que não pré-julgassem e observassem o que a autora queria nos mostrar. Juntos fomos identificando alguns países escritos como Afeganistão, Irã, Turquia, Paquistão. Um participante atentou para a fita vermelha, comentei que era possivelmente a expressão de um deslocamento forçado, um refúgio. Notei que os meninos sírios assentiam com a cabeça.

Figura 4 – Obra resultado do projeto Cartographie Travers



Fonte: MEKDIJN e SZARY, 2015.

Diante da segunda imagem (Figura 5) fomos elencando os elementos que eram mais visíveis, como o semáforo, o muro na frente do globo terrestre, o barco cheio de pessoas atravessando o mar, os tanques de guerra. O que tudo isso poderia nos dizer sobre a vivência de deslocamentos? Conflitos, barreiras, xenofobia.

Figura 5 – Obra resultado do projeto Cartographie Travers



Fonte: MEKDIJN e SZARY, 2015.

As imagens selecionadas são resultadas de um projeto realizado em Grenoble, na França, coordenado pelas geógrafas Sarah Mekdijn e Anne-Laure AmillhatSzary. A proposta do projeto era a elaboração de mapas coletivos, por solicitantes de refúgio na cidade, nos quais as figuras habitualmente utilizadas para representar as fronteiras (linhas) e os movimentos migratórios (flechas), fossem reinventadas a fim de impulsionar reflexões políticas sobre a mobilidade humana. Como sugere o próprio objetivo do

projeto, as suas obras foram disparadores para falarmos sobre a questão dos refugiados e outras formas de se mostrar deslocamentos, onde as vivências ocupam o primeiro plano.

As outras cartografias

Ao longo das discussões junto das imagens, compomos uma espécie de mapa conceitual registrando as palavras chaves de destaque dos diálogos (Figura 6). Nele apareceram palavras como: emigração, imigração, luta, idioma, cultura, xenofobia, diversidade, pobreza, caminhos, fluxos, guerra, migração interna, voz, paz, melhores condições de vida, trabalho, obstáculos, sacrifício, destruição. Assim como desenhos de um contorno da Síria, um globo terrestre chorando sangue, deslocamentos entre América do Sul -África, uma pessoa segurando uma placa de paz.

Figura 6 - Mapa conceitual produzido durante a oficina



Fonte: Acervo da autora.

O senso comum representacional dos fluxos migratórios pode nos levar a imaginar a migração como um fenômeno reduzido a estatísticas e trajetórias “lineares”, não dando conta de expressar a complexidade do fenômeno. Sendo assim, as diversidades e particularidades dos deslocamentos acabam sendo escondidas por trás dessas linhas. Diante disso, o exercício de construção desse nosso mapa conceitual foi uma forma de fazermos aparecer as facetas da migração que muitas vezes são invisibilizadas, minimizadas, esquecidas. Fizemos, portanto, o fenômeno da migração derivar para além das informações comuns dos mapas.

O momento seguinte foi destinado à realização das suas cartografias individuais. Cada estudante deveria expressar em uma folha um ou mais deslocamentos que já fizeram, seja devido a mudança de país, cidade ou até mesmo bairro. O comando dado principal foi: “De que forma você, migrante, faria uma própria cartografia de sua migração?”. Além de destacar as localizações de destino e chegada, foi sugerido que indicassem suas percepções sobre a trajetória, diferenças nas paisagens, motivos que levaram à migração e o que mais quisessem.

Os participantes que nunca haviam migrado ficaram em dúvida sobre o que cartografar, uma vez que sempre moraram em Florianópolis e no mesmo bairro. Para estes, sugeri que apresentassem seu deslocamento diário para escola, que não deixa de ser um movimento migratório, do tipo pendular.

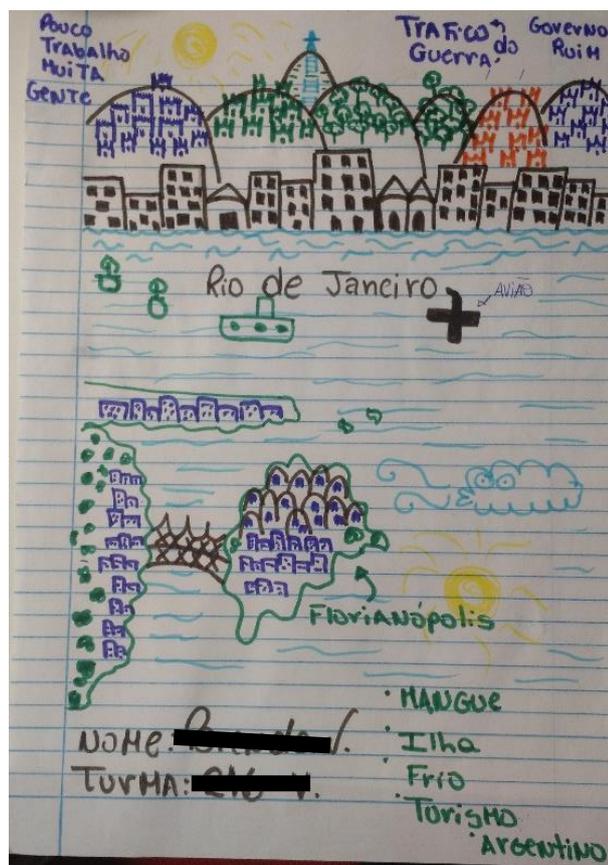
Sobre as geografias de deslocamentos migratórios, Mekdijn et al (2014) nos lembram que, embora o percurso migratório seja composto por um espaço-tempo específico, em inúmeros mapas os espaços percorridos pelos imigrantes durante suas viagens, são com frequência “alisados”, no sentido de que algumas trajetórias ocultam as “asperezas” espaciais e temporais, de origem políticas, econômicas, entre tantos outros empecilhos que compõem seus caminhos.

Os mapas produzidos pela turma, além de mostrarem as várias “asperezas” das suas trajetórias, foi uma forma de melhor conhecer as histórias de seus colegas. Foi possível identificar, pelas cartografias, motivos que levaram alguns dos jovens à uma migração interna assim como a uma migração internacional.

Os migrantes internos destacaram nos seus mapas motivos do deslocamento associado aos empregos dos pais, vontade própria por gostar de Florianópolis e busca por qualidade de vida. Mais da metade da turma não era de Florianópolis, sendo a maioria provenientes de outros estados brasileiros, como Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro.

No mapa da Figura 7 podemos visualizar um exemplo das cartografias produzidas. A participante do Rio de Janeiro sinalizou junto dos seus desenhos referente às diferentes paisagens, palavras chaves que associa aos dois locais em questão. Para sua cidade natal mencionou: “pouco trabalho muita gente”, “tráfico de guerra”, “governo ruim”. Situações negativas que impulsionam uma repulsão. E para Florianópolis citou: “mangue”, “ilha”, “frio”, “turismo”, “argentino”, percepções sobre a sua nova cidade.

Figura 7 – Cartografia de deslocamento



Fonte: Acervo da autora.

Já na Figura 8, notamos mais uma faceta das migrações, as emoções. A cartografia em questão apresenta dois territórios (estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina) sendo conectados entre a razão e a emoção, os quais, segundo a cartógrafa, estão representados pelo coração e pelo cérebro.

Figura 8 – Cartografia de deslocamento

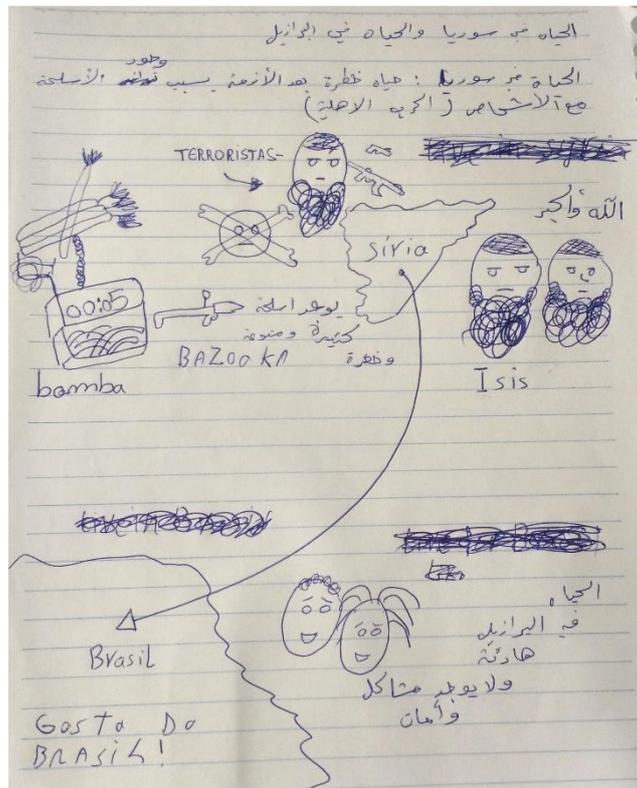


Fonte: Acervo da autora.

Quanto aos imigrantes internacionais haviam quatro presentes na turma, mais do que sabia anteriormente. Dois irmãos da Síria, uma menina da Jordânia e uma outro do Uruguai. Diante dos seus mapas pudemos nos aproximar de uma outra realidade, movimentos migratórios que ultrapassam as fronteiras nacionais. Neles surgem outros elementos. Como a ocorrência de uma guerra mundialmente significativa impulsionando o deslocamento, que é o caso da Síria (Figura 9). A presença de um outro país no meio do trajeto para chegar até o Brasil, situação apresentada pelo deslocamento Jordânia-Espanha-Brasil (Figura 10). A mudança de país por gostar de um outro (Figura 11).

Na cartografia dos irmãos sírios, se percebe os elementos associados aos conflitos do país fortemente presentes na sua narrativa de deslocamento: bombas, terroristas, aviões, armas. Para além desses fatores de expulsão, sinalizaram também estar gostando do Brasil. Nota-se que optaram por escrever na sua língua, apesar de haver algumas palavras traduzidas.

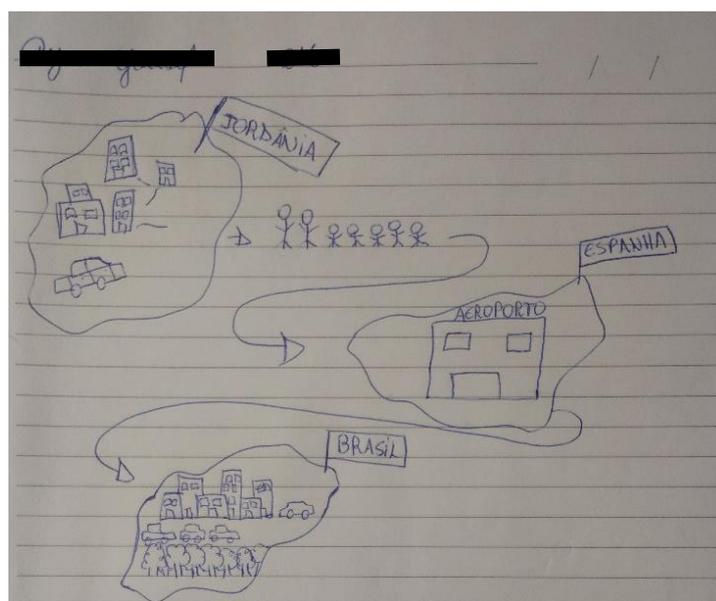
Figura 9- Cartografia de deslocamento dos sírios



Fonte: Acervo da autora.

Já no mapa de deslocamento Jordânia-Brasil, além de percebermos a sinalização da Espanha como um país de conexão, há uma diferenciação evidenciada nas paisagens referentes a cada localidade.

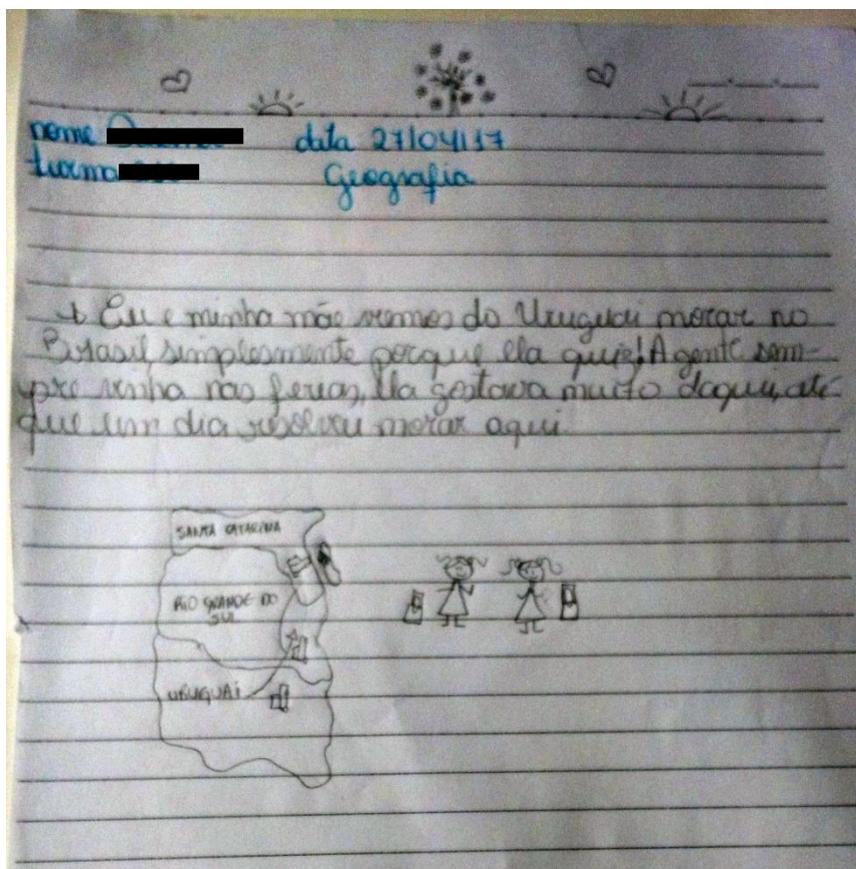
Figura 10 – Cartografia de deslocamento da participante da Jordânia



Fonte: Acervo da autora.

E a cartografia Uruguai-Brasil, está nos indicando um deslocamento impulsionado pela vontade da mãe em querer sair do seu país de origem para vir morar no Brasil.

Figura 11 - Cartografia de deslocamento da participante uruguaia



Fonte: Acervo da autora.

Além de desvendarmos motivos que levaram à migração, a partir dos mapas da turma pudemos notar as relações do ser migrante com os espaços percorridos se fazendo presente. Seja ocasionado por uma mudança de bairro, cidade, estado, país ou escola. As percepções ocasionadas pelo movimento espacial aparecem, de certa forma, nos elementos que escolheram para sinalizar os locais e os trajetos.

Ao mesmo tempo que as cartografias tiveram suas trajetórias únicas sinalizadas, elas não deixaram de estar associadas às cartografias mais tradicionais, uma vez que estiveram presentes os fatores de migração assim como as localidades de origem e destino. No entanto, ao fazerem esse exercício de aproximação dos fluxos, ao experimentarem acionar uma espécie de zoom nas linhas dos mapas, os participantes fizeram aflorar nos mapas suas percepções e sentimentos.

Portanto, a proposta da atividade não era desvendar algo que não existe, mas sim deformar algo já existente, no caso os mapas tradicionais. Nesse sentido, experimentamos levar, como argumenta Oliveira Junior (2012, p. 14), “a palavra mapa (a imagem mapa) a deslocar-se de si mesma, ampliando suas margens, adquirindo novos contornos que potencializam sua ação no mundo, arrastando consigo a cartografia e mesmo a escola, para outras paragens, mais imaginantes”.

Considerações finais

As experiências desta oficina podem nos dar pistas para as possibilidades de se potencializar um conteúdo intrinsecamente geográfico, os movimentos migratórios, junto de uma realidade escolar contemporânea, a presença de estudantes imigrantes dentro da sala de aula brasileira. Certamente é um assunto bastante delicado para se discutir, principalmente quando falamos diretamente para os sujeitos protagonistas, no entanto é de suma importância gerar espaços de discussões sobre o tema, uma vez as escolas assumem cada vez mais um caráter global, incluindo diferentes nacionalidades no mesmo ambiente.

Embora a interação dos estudantes imigrantes com a oficina tenha ocorrido de uma forma natural e foi aparentemente bem aceita, talvez não seja uma situação que venha a ocorrer em todos os casos, por se tratar de um assunto, por vezes delicado, e não sabermos o que realmente acontece em cada deslocamento migratório. É preciso ter cautela ao trazer o assunto.

A partir da composição do mapa conceitual, foi possível visualizar como o tema em questão é amplo e complexo, tendo muitas interseccionalidades influenciando na sua dinâmica. O fenômeno da migração ocorre em outros planos além do espaço geográfico físico, por isso a necessidade de se investigar o que há por trás dos números e das linhas, propondo, no âmbito da educação, atividades que problematizem o que habitualmente é discutido, mas que pouco nos dizem sobre aquilo que nos é próximo.

Nesse sentido, a construção de outras cartografias de deslocamento foram uma forma de fazer aparecer as vivências e conhecimentos individuais sobre um tema, que além de ser um conteúdo escolar é acima de tudo uma questão de vida.

Acredito, portanto, que o objetivo central da oficina foi atingido, mobilizar a turma de forma que pensassem e se aproximassem da temática da imigração por outras formas além dos mapas mais comuns e dos discursos negativos que são disseminados sobre a temática. Puderam através das suas próprias cartografias e pelo compartilhamento da experiência de vida dos colegas, ter contato com elementos reais sobre o fenômeno migratório contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALVERENGA, Marcos. Número de estudantes estrangeiros vem crescendo no Brasil. **Onda**. 23 jan. 2017. Disponível em: <<http://onda.com/noticias/2017/01/estudantes-estrangeiros>>. Acesso em: 23 maio 2017.

MEKDJIAN, Sarah; SZARY, Anne-laure Amilhat. Cartographies traverses, des espaces où l'on ne finit jamais d'arriver. **Visionscarto**, fev. 2015. Disponível em: <https://visionscarto.net/cartographies-traverses>. Acesso em: 22 jun 2017

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de. Mapas em deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, nº12, p.01-49, Julho, 2012.

SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998. Tradução: Cristina Murachco.

VELASCO, Clara; MANTOVANI, Flávia. Em 10 anos número de imigrantes aumenta 160% no Brasil diz PF. **G1: Globo**. São Paulo, jun. 2016. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/06/em-10-anos-numero-de-imigrantes-aumenta-160-no-brasil-diz-pf.html>>. Acesso em: 23 maio 2017.